

# PROSTITUIÇÃO E RELAÇÕES SOCIAIS DE PODER EM MICHEL HOUELLEBECQ

Israel Victor de MELO<sup>1</sup>

**RESUMO:** No intento de resposta ao que nos faz ecoar um discurso emancipatório aos sujeitos naquilo que diz respeito a suas sexualidades (em seu aspecto privado) e, ao mesmo tempo, evocar um discurso de recriminação da prostituição, a proposta deste artigo é apresentar as figurações da prostituição nas suas unidades de poder tendo por base extratos de romances do autor Michel Houellebecq.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, prostituição, relações sociais de poder, Michel Houellebecq.

---

<sup>1</sup> Universidade de Brasília (UnB). Graduado em Letras-francês pela mesma instituição e professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF). israelvictor398@gmail.com.

## **PROSTITUTION ET RELATIONS SOCIALES DE POUVOIR CHEZ MICHEL HOUELLEBECQ**

**RÉSUMÉ :** Dans la tentative de répondre à ce qui nous fait résonner un discours émancipateur sur la sexualité (dans son aspect privé) et en même temps évoquer un discours de récrimination de la prostitution, la proposition de cet article est de présenter les figurations de la prostitution dans ses unités de pouvoir à partir d'extraits des romans de l'auteur Michel Houellebecq.

**MOTS-CLÉS :** Littérature, prostitution, relations sociales de pouvoir, Michel Houellebecq.

### **DEFININDO UMA CENTRALIDADE**

Embora ainda não haja resposta precisa que abarque satisfatoriamente as indagações a respeito da prostituição, busco neste estudo um ponto central a ser debatido, verificando de que modo os discursos literários e todo seu arcabouço narrativo implicam numa legitimidade violentadora contra a prostituição e, em especial, contra prostitutas. A tentativa de verificar-se uma centralidade a essa discussão torna-se complexa, uma vez que há uma correlação de forças preponderantes ao favorecimento (e, por conseguinte, a uma provável *exploração*) e à contrariedade da prática (o que delimita a possibilidade de escolha e autonomia do sujeito). Essa complexidade se deve em boa medida às representações que tanto as instituições (culturais e não-culturais) quanto alguns grupos sociais fazem sobre a prostituição. Em alguns textos literários, destacarei certa construção da imagem concernente às mulheres em situação de prostituição a fim de demonstrar as maneiras como as relações discursivas e sociais se estabelecem no texto narrativo-ficcional. Para isso, utilizo como *corpora* os romances de Michel Houellebecq que, em seus enredos, figurem a prostituição.

Para essa análise, gostaria de associar *priorias* relações entre a prostituição, as relações sexuais e as sexualidades, pondo em ênfase a abordagem social inerente ao debate. Faço essa escolha porque não é possível debater as relações da prostituição isolando os domínios do público (social) e do privado (subjetivo, individual); eles não só se justificam mutuamente como acusam para um estabelecimento de *poderes*— instituídos entre quem oferece e quem busca a relação sexual comercial.

De maneira a aprofundar essas indagações, destaco os conceitos de *verdade* e *poder* de que trata Michel Foucault em seu livro *A microfísica do poder*, de 1979.

Não quero fazer a crônica dos comportamentos sexuais através das épocas e das civilizações. Quero seguir um fio muito mais tênue: o fio que, em nossas sociedades, durante tantos séculos ligou o sexo e a procura da verdade.

O problema é o seguinte: como se explica que, em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja simplesmente alguma coisa que dê prazer e gozo? Como é possível que ela tenha sido considerada como o lugar privilegiado em que nossa *verdade* profunda é lida, é dita? Pois o essencial é que, a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer “Para saber quem és, conheças teu sexo”. O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa *verdade* de sujeito humano. (FOUCAULT, 2005: 229. Ênfase do autor)

A ideia de *verdade* é basilar para visualizarmos como é a partir dela que há a fundamentação de relação de poder. Concretamente, sua concepção significa a produção de discursos, ideias, histórias e até mitos que mais tarde serão lidos enquanto *verdades* máximas, podendo, em grande medida, favorecer a relação de poder de um grupo específico. Destarte, não seria de todo errôneo defender a ideia de que as literaturas aportam essas *verdades* discursivas em seu tratamento narrativo-ficcional e chegam em boa parte a legitimá-las, tendo elas determinado grau de violência ou não, haja vista que os discursos são sociais e que as literaturas são produtos sociais (CANDIDO, 2006).

Vivemos em uma sociedade que em grande parte marcha *ao compasso da verdade* – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por este motivo poderes específicos. A produção de discursos *verdadeiros* (e que, além disso, mudam incessantemente) é um dos problemas fundamentais do Ocidente. A história da *verdade* – do poder próprio aos discursos aceitos como verdadeiros – está totalmente por ser feita. (FOUCAULT, 2005:231. Ênfase do autor).

Os discursos em torno da sexualidade apoiaram-se no fato de que “o sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso” (FOUCAULT, 2005:230). Sem embargo, as instituições assumiram determinados discursos do vigiar, do examinar, do confessar sobre o sexo no conjunto de poder – posso citar aqui o tratamento dos temas de sexualidades e práticas sexuais pelas instituições cristãs. O problema que gostaria de pôr em evidência é o tratamento das sexualidades e das práticas sexuais nas formas de maior ou menor recriminação e violência dependendo do sujeito que a realize (o *Outro*, a *Outra* sexual), de tal forma que o discurso pode mudar de tom nas variantes de gênero e de raça.

Em Houellebecq, noto que as sexualidades estão calcadas sobre um plano narrativo cujas personagens masculinas se caracterizam pelo fato de estarem numa linha tênue entre a miserabilidade afetiva-sexual e o poder socioeconômico que lhes é permitido, isto é, enquanto homens brancos, ricos e solitários afetiva e sexualmente, seus poderes socioeconômicos permitem meios para que supram essas necessidades afetivas e sexuais. Em seus romances, é possível notar que a prostituta parece ser a resposta imediata para esses homens. Desse fato, decorre uma representação da mulher em situação de prostituição como *objeto sexual*, que, em boa medida, é de raça e classe social distintas daquelas do homem que lhe procura – em *Plataforma* (2002), elas são tailandesas; em *Submissão* (2015), árabes.

A marginalização e a criminalização da mulher em situação de prostituição decorrem dessa e de outras representações moralistas intrínsecas à ação de prostituir-se e mesmo a determinadas sexualidades. No artigo “Trópicos sensuais: a construção do Brasil como geografia desejada”, Octávio Sacramento e Fernando Bessa Ribeiro analisam os discursos colonialistas que legitimaram em alguma medida a construção imagética do Brasil como local sensualizado, sobretudo, naquilo que concerne à imagem da mulher brasileira. A elaboração discursiva sobre uma sexualidade a ser controlada diferenciava as colônias das metrópoles e legitimava uma identidade civilizacional europeia a ser difusa.

Os nativos coloniais eram idealizados como uma espécie de antítese moral do que seria o perfil civilizacional europeu. Nesse processo de construção essencializada da diferença por via de noções estereotipadas (BHABHA, 1994), a sexualidade assumiu-se sempre como um eixo de referência central. Os discursos de censura moral dos hábitos sexuais das comunidades colonizadas contribuíram para tornar mais vincado, desde logo para a própria Europa, um amplo sistema de valores considerado marca de civilidade. Esse eurocentrismo ganhou forma através de um esquema relacional de significação (FANON, 1989) gerador de identidade(s) para os dois lados das formações imperiais: colônia e metrópole. (SACRAMENTO, RIBEIRO, 2013: 218-9).

Esse mecanismo discursivo-político pode ser estendido a outras identidades não-brasileiras: o discurso colonial não atingiu somente o Brasil e com isso pode-se facilmente verificar essa tentativa de legitimar tal identidade civilizacional europeia contraposta às identidades (sexuais e não-sexuais) autóctones coloniais. Não obstante, outros mecanismos discursivos possibilitam a demarcação das violências de gênero e de raça desde nossas formações coloniais. Noutras palavras, a sexualidade dos colonos e das colonas passou a ser vista como algo exótico a ser

examinado e mesmo controlado segundo os preceitos da identidade civilizacional das metrópoles europeias.

Nesse mesmo diálogo, destaco um importante estudo crítico para pensarmos sobre violências de gênero, de raça e de classe: *Mulheres, raça e classe* (1981), da autora negra feminista Angela Davis. Embora a autora não trate com exatidão o temário das sexualidades, há uma passagem em que ela analisa um estudo teórico associado ao movimento feminista com tema estupro e raça – *A dialética do sexo: um manifesto da revolução feminista*, de Shulamith Firestone. Davis critica as aproximações de mitos a respeito do homem negro como estuprador e da mulher negra como *hipersexualizada* e promíscua presentes nesse estudo feminista.

Como Brownmiller, MacKellar e Russell, Firestone sucumbe ao velho sofisma racista de culpar a vítima. Seja de forma inocente ou consciente, suas exposições facilitaram a restauração do desgastado mito do estuprador negro. Sua miopia histórica ainda as impede de compreender que a representação dos homens negros como estupradores reforça o convite aberto do racismo para que os homens brancos se aproveitem sexualmente do corpo das mulheres negras. A imagem fictícia do homem negro como estuprador sempre fortaleceu sua companheira inseparável: a imagem da mulher negra como cronicamente promíscua. Uma vez aceita a noção de que os homens negros trazem em si compulsões sexuais irresistíveis e animais, toda a raça é investida de bestialidade. Se os homens negros voltam os olhos para as mulheres brancas como objetos sexuais, então as mulheres negras devem por certo aceitar as atenções sexuais dos homens brancos. Se elas são vistas como *mulheres fáceis* e prostitutas, suas queixas de estupro necessariamente carecem de legitimidade (DAVIS, 2016: 179. Ênfase da autora)

O que chama a atenção é que Davis (2016: 179) aponta para o fato de que, sendo as mulheres negras “vistas como *mulheres fáceis* e prostitutas, suas queixas de estupro necessariamente carecem de legitimidade”. Percebo que os lexemas *mulheres fáceis* e *prostitutas* estão associados quase num mesmo grau de significação e que, para além disso, sua conclusão é de que é preciso apartar a imagem de mulheres negras à de prostituta (e de “mulheres fáceis”), pois, sendo prostitutas, as violências sexuais contra elas podem parecer ser legítimas – fato resultante da naturalização da violência contra prostitutas.

Por meio dessas análises, determinamos as aproximações entre as sexualidades e a prostituição, bem como os arquétipos de poder no plano do imaginário sobre o *Outro* e a *Outra* sexual. Passemos, pois, às literaturas.

Gostaria de apresentar um breve esboço de temas – a *miserabilidade afetiva-sexual* e o *bovarismo*, de Jules Gaultier (1892) – nas literaturas francesa e inglesa sobre as sexualidades femininas entre os séculos XVII e XIX – o que, de algum modo, conflui no discurso literário de Michel Houellebecq. No âmbito da experiência literária, esses processos são frequentemente associados às sexualidades e para compreendê-los é preciso demonstrar como estão realizados nas narrativas.

## **A EXPERIENCIA LITERARIA: DO BOVARISMO A MISERABILIDADE AFETIVA-SEXUAL**

No prefácio à edição especial de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, Otto Maria Carpeaux (2011) define o termo *bovarismo*.

Dicionários modernos de língua portuguesa definem como *bovarismo* o pendor de certos espíritos românticos para emprestarem a si mesmos uma personalidade fictícia e a desempenharem um papel que não se coaduna com a verdadeira natureza. O termo significa, portanto, a intervenção desastrosa de ideias pseudorromânticas na vida real: destino próprio de pessoas educadas sob os auspícios de falsos ideais e, depois da decepção inevitável, roídos pelos ressentimentos. O pensador francês Jules Gaultier acreditava descobrir o mesmo *bovarismo* em grupos inteiros da sociedade, como a classe média empobrecida, que se esforça para viver conforme critérios aristocráticos; e até em nações (pensava ele nos latino-americanos de então, que perderam a autenticidade por julgarem-se afrancesados). Diz-se *bovarismo* assim como se diz *quixotismo*, *hamletismo*, *donjuanismo*. Trata-se de um dos grandes tipos da natureza humana e seu protótipo é Emma Bovary, a triste heroína do romance de Gustave Flaubert. (CARPEAUX in FLAUBERT, 2011: 7)

Em linhas gerais, esse processo se caracteriza psicologicamente como um produto da realidade frustrante, que resulta numa produção de contraste entre ilusões e devaneios. Essa designação é um conceito de Jules Gaultier, que publicou em 1892 o estudo *Le bovarisme: la psychologie dans l'oeuvre de Gustave Flaubert*, e centrou sua teoria nas análises da personagem Emma Bovary, do romance *Madame Bovary* (1857).

Levando uma vida conjugal enfadonha, a personagem, solitária e carente, busca nos subterfúgios de uma vida fervorosa a concretude de uma autonomia afetiva e social. O que garante à narrativa maior aceitabilidade e compreensão é que ela



trata, em verdade, da psicologia humana<sup>2</sup>. O teor mais ou menos tenso das relações na narrativa não resulta apenas do fato de Emma trair ou não Charles, seu marido, e sim, do fato preponderante de ela se sentir “livre e autônoma” em sociedade (ainda que num aspecto privado) e “presa” em sua própria mente, engendrando devaneios e ilusões (a autonomia e a emancipação sexual em nome de uma fragilidade moral, produzindo comportamentos psicológicos distorcidos).

O triângulo amoroso em suas distintas formas se torna, nesse romance, um fio condutor na compreensão da formação psicológica de Emma. Observa-se, desse modo, certo grau de proximidade entre sua sexualidade e seu traço psicológico – o que de fato seria difícil de apartar.

Outro importante registro dessa relação amorosa a três como expressão psicológica e parte das sexualidades é o romance *A princesa de Clèves* (1678)<sup>3</sup>, de Madame de La Fayette. Nele, a autora trouxe como pano de fundo narrativo a *magnificence* e a *galanterie* da corte francesa de Henrique II (1519-1559).

Em síntese, a história se desenvolve tendo como enredo as aventuras amorosas entre o Príncipe de Clèves, a Senhorita de Chartres (mais tarde, Princesa de Clèves) e o Duque de Nemours. Num ambiente cortês *magnífico* e *galante*, entre duas paixões, a Princesa vê seu marido falecer e recusa um relacionamento com o Duque de Nemours, que a procurara incessantemente. Ao final, ela “tentará acalmar a sua dor exilando-se nos Pirineus, onde possui propriedades, e morrerá alguns anos mais tarde, sucumbindo a uma apatia” (CUNHA, 2010: 95-6). Nesse romance, “todas as personagens são belas, elegantes, instruídas – numa palavra, *perfeitas* –, mas elas vivem todas na Corte do rei, numa atmosfera onde cada um vigia o outro, onde a infidelidade reina e o triângulo amoroso domina” (RAQBI, 2017: 112. Tradução nossa. Ênfase do autor).<sup>4</sup>

Uma evidência importante desse romance é que o triângulo amoroso, sem êxito, tem como *sujeito decisivo* a Princesa de Clèves, que, ao final da trama, decide ficar sozinha. No contexto do romance cortês francês do século XVII, tratar da sexualidade de uma cortesã como ponto focal é um fato a ser destacado e referenciado sempre que analisarmos a formação discursiva em torno das sexualidades femininas nas literaturas, em especial, por esse romance ter sido escrito por uma mulher.

Em *A Princesa de Clèves*, é possível ainda vislumbrar as primeiras figurações de formação das monarquias no conjunto de matrimônios, quer dizer, ainda que a contragosto, os acordos matrimoniais eram a premissa fundadora e mantenedora

---

<sup>2</sup> Gérard Genette (1979) aborda o temário dos sonhos em Flaubert tendo como sujeito os devaneios. “Trata-se realmente, queremos insistir, não de um sonho, enquanto dormia, mas de um devaneio de Emma acordada; Flaubert diz estranhamente que, enquanto Charles, ao lado dela, mergulhava no sono, Emma *despertava em outros sonhos*” (GENETTE, 1979: 214. Ênfase do autor).

<sup>3</sup> Segundo Viviane Cunha (2010), o romance foi publicado pela primeira vez anonimamente em 1678.

<sup>4</sup> (...) tous les personnages sont beaux, élégants, instruits, en un mot *parfaits*, mais ils vivent tous à la Cour du roi, dans une atmosphère où chacun surveille l'autre, où l'infidélité règne et où le ménage à trois domine. (RAQBI, 2017: 112)

das grandes famílias reais e de suas cortes. As relações sexuais passam a ser um dos mecanismos de interação entre pessoas de grupos sociais distintos.

Na Inglaterra, a experiência não poderia ser diferente. Com a publicação do romance histórico *The Fortunes and Misfortunes of the Famous Moll Flanders* (1722), ou simplesmente *Moll Flanders*, de Daniel Defoe, podemos entrever esse jogo de relações, onde a sexualidade e as relações sexuais são um passo de interação social e, muitas vezes, possibilitam acesso a mecanismos de poder. Moll Flanders, a personagem central do romance, é uma mulher astuta que acabou julgando a prostituição e alguns golpes um modo de fugir da pobreza.

Esses laços de interação do romance de Defoe aparecem como objetos de investigação de Ian Watt (2010) em seu estudo sobre o gênero romance. O autor atribui que

Defoe apresenta meretrizes, piratas, salteadores, ladrões e aventureiros como pessoas comuns, produtos normais do meio em que vivem, vítimas de circunstâncias que qualquer um poderia ter experimentado e que suscitam exatamente os mesmos conflitos morais entre fins e meios com os quais se defrontam outros membros da sociedade. (WATT, 2010: 101)

A figuração de meretrizes, piratas, salteadores, ladrões no romance de Defoe nos possibilita observar um conjunto social plural e, assim, notar a centralidade das relações sexuais no movimento de inserção de Moll Flanders noutros meios da sociedade.<sup>5</sup>

Isto posto, interpretamos a sexualidade se transfigurando como um eixo central na caracterização de Emma Bovary, da Princesa de Clèves e de Moll Flanders.

Ligando Michel Houellebecq a Flaubert, a La Fayette e a Defoe, enfatizaria a presença das sexualidades das personagens como parte essencial de suas caracterizações, no entanto, o distanciaria desses autores pelo fato de ele dar maior ênfase às sexualidades das personagens masculinas – o que é naturalmente plausível segundo a proposta desse autor. Nessa ênfase às sexualidades masculinas, identifico aquilo que defino ser *miserabilidade afetiva-sexual* – estado constante de solidão afetiva e sexual confrontado nos valores díspares e subjacentes às relações socioeconômicas. Busco retratá-la nesta próxima parte do artigo por meio de extratos dos romances de Houellebecq.

---

<sup>5</sup> Outro traço das relações sexuais como parte de uma interação e inserção social ganhou forma sob a querela do conflito moral do homem que se apaixona pela prostituta – questão retratada em *Lucíola* (1862), de José de Alencar, e *Memória de minhas putas tristes* (2004), de Gabriel García Márquez.



## MICHEL HOUELLEBECQ E AS NUANCES DE MISERABILIDADES MODERNAS

Meu pai morreu há um ano. Não acredito na teoria de que a gente se torna *realmente adulto* com a morte dos pais; acho que jamais nos tornamos *realmente adultos*.

Diante do caixão do velho me vieram pensamentos desagradáveis. Tinha aproveitado a vida, aquele safado; provou do bom e do melhor. *Você teve filhos, seu imbecil*, disse para mim com toda a convicção. *Você enfiou sua pica grossa na boceta de minha mãe*. Enfim, eu estava um pouco tenso, sem dúvida; não é todo dia que há mortos na família. Não quis ver o cadáver. Estou com quarenta anos e já tive que ver mais de um cadáver, mas agora prefiro evitar. Foi por isso que nunca quis comprar um animal doméstico.

Tampouco me casei. Tive várias oportunidades, mas abri mão de todas elas. No entanto gosto de mulheres. O celibato é uma espécie de desgosto na minha vida. Incomoda principalmente nas férias, porque as pessoas desconfiam de homens na minha idade passando férias sozinho: supõem neles um bocado de egoísmo e sem dúvida um pouco de vício; não posso dizer que estejam erradas. (HOUELLEBECQ, 2002: 11. Ênfase do autor)

Nesse trecho introdutório do romance *Plataforma* (2002), a personagem apresenta-se como alguém de humor mórbido (*Você teve filhos, seu imbecil*, disse para mim com toda a convicção. *Você enfiou sua pica grossa na boceta de minha mãe*) e de uma insatisfação constante com seu mundo, mesmo aquele afetivo, sexual e matrimonial. Esse protótipo de caracterização de personagem está presente em outros romances do autor. Vemos, por exemplo, em *Submissão* (2015), o calhorda professor universitário François e, em *O mapa e o território* (2010), o artista plástico Jed Martin. Todos inseridos em contextos de individualismo social, afetivo e sexual, ocupando muitas vezes uma posição de prestígio na sociedade.

O projeto estético de Michel Houellebecq trata, sobretudo, das relações sociais de uma classe média hipócrita, fruto de um capitalismo moderno massacrante. Suas personagens masculinas, oriundas de uma pequena burguesia reduzida estruturalmente na concepção de “classe média”, são solitárias e marcadas pelos fenômenos modernos de um capitalismo individualista e atroz. Elas buscam nas relações sociais a realização de uma *felicidade inatingível*, resguardando ainda a possibilidade de *protegerem-se* de um mínimo contato conflituoso com outros

grupos sociais. Nesse sentido, a busca pela prostituta é uma fuga de seu ambiente camuflado e sensível a qualquer toque externo. Em contraposição, há uma premissa nessas relações de que elas sejam estritamente protegidas de conflitos maiores. Disto, o aspecto reducional da privacidade na prostituição, no mercado sexual e nos relacionamentos inter-raciais. A interação entre esses homens e as prostitutas não permitirá que haja uma inserção delas noutros meios da sociedade – diferente do que ocorre em *Moll Flanders*.

Segundo Éric Fassin, no artigo intitulado “¿Houellebecq sociólogo?” (2015), “a originalidade de Houellebecq é fundar sua análise crítica do individualismo liberal sobre uma economia política da sexualidade” (FASSIN, 2015: 23. Tradução nossa). O sociólogo francês denota uma tentativa de esquematização de certo liberalismo e capital sexuais na literatura de Michel Houellebecq.

Enquanto seu segundo romance conta a história da ascensão do consumo de massa libidinal e o alargamento gradual do mercado de sedução (Partículas elementares: 35-36), ele já questionava no primeiro por uma teoria de que a sexualidade é um sistema de hierarquia social (Extensão do domínio da luta: 93), em outras palavras, ao lado do capital econômico, capital sexual registrado:

“Em nossas sociedades, o sexo representa sem dúvidas um segundo sistema de diferenciação bastante independente do dinheiro (...). Como o liberalismo econômico sem freios, e por razões semelhantes, o liberalismo sexual produz fenômenos de empobrecimento absoluto. Alguns fazem amor todos os dias; outros cinco ou seis vezes em sua vida, ou nunca. Alguns fazem amor com dezenas de mulheres; outros com nenhuma. Esta é a chamada “lei do mercado”. Em um sistema econômico em que a demissão é proibida, cada um consegue mais ou menos encontrar seu lugar. Em um sistema sexual, onde é proibido o adultério, todo mundo consegue mais ou menos encontrar seu companheiro de cama (...). O liberalismo econômico é a extensão do domínio da luta (...). Da mesma forma, o liberalismo sexual é a extensão do domínio da luta”. (Extensão do domínio da luta: 100). (FASSIN, 2015: 23. Tradução nossa. Ênfase do autor)

A proposta de Houellebecq em *Extensão do domínio da luta* (2002) é retratar o aspecto social da sexualidade, porque segundo o autor ela é “um sistema de hierarquia social” (HOUELLEBECQ, 2002: 93). O interessante dessa noção social da sexualidade é exatamente aquilo que já apresentei nas análises do *bova-*

risma e da *miserabilidade*, ou melhor, o seu funcionamento como um meio de contato e de hierarquia social.

Em *Plataforma*, Michel – personagem central do romance – é funcionário do Ministério da Cultura francesa e parte em viagem de férias rumo à Tailândia. Ele vive experiências sexuais variadas e testemunha o turismo sexual tailandês – que lhe despertará mais tarde o gosto pelo mercado sexual e a criação, junto às personagens Valérie e Jean-Yves, dos clubes Afrodite.

Nesse contexto, a variedade narrativo-textual de Michel Houellebecq nos proporciona um olhar apurado das relações entre o Ocidente e o Oriente. A interação entre grupos distintos e aparentemente antagônicos (o “branco e rico” e a “tailandesa pobre”) realiza-se somente em aspectos necessários a partir de relações econômicas mercantilizadas. É possível perceber aí uma característica das sociedades capitalistas em suas interações (globalizadas), onde não há um discurso *pluriforme* e de enaltecimento das diferenças, mas uma interação justificada pelo sistema de relações socioeconômicas de poderem suas distintas expressões – culturais, científicas, econômicas, políticas etc. (SAID, 2007). No romance, essa interação revela-se nas microrrelações de poder inerentes ao processo de prostituição.

Quando me montou, ainda me imaginei aguentando mais tempo; porém tive que desistir rapidamente. Ela era bem jovem, mas sabia usar a xoxota. Começou bem suave, com pequenas contrações na glândula; depois desceu alguns centímetros, apertando mais forte. “Ah, não, Oôn, não!...”, gritei. Ela morreu de rir, contente com o seu poder (...). (HOUELLEBECQ, 2002: 55).

Esse *poder* que a personagem apresenta é aquele de sedução, de desempenho sexual. O homem branco e rico que busca os serviços exerce e usufrui do poder econômico, ao passo que a prostituta exerce o poder sexual – imbuindo sua *exotificação sexual e corporal*<sup>6</sup> e denunciando a miserabilidade social na qual se insere. Por outro lado, ao ver duas jovens europeias, Babette e Léa, a personagem Michel diz pensar que elas “não seriam capazes de serem prostitutas tailandesas; não eram dignas disso” (HOUELLEBECQ, 2002: 59). Podemos notar aqui dois fatos interligados entre si. O primeiro é o costume de atribuir à mulher europeia a fragilidade – a identidade sexual civilizacional e *jamais banalizada* (SACRAMENTO, RIBEIRO, 2013). O segundo fato é isso tipificar, por conseguinte, a noção de exotificação de mulheres não europeias (DAVIS, 2016), cujo desempenho sexual é mais ativo e chama assim maior atenção dos homens. Nessa disposição, não cabe a Michel ser julgado por seu desempenho sexual. Pelo contrário. É ele quem julga as

---

<sup>6</sup> Fenômeno discursivo apoiado nas representações distorcidas sobre sujeitos marginalizados na compreensão das variantes de gênero, raça, classe social (Davis, 2016) e territorialidade (Sacramento e Ribeiro, 2013) na totalidade de suas sexualidades e de suas práticas sociais.

mulheres (europeias e não europeias) por meio da redução da eficácia sexual delas e anula qualquer existência própria não relacionada à capacidade delas de dar prazer a um homem.

Outro mecanismo discursivo será mais tarde utilizado para representar essa identidade sexual feminina a ser seguida. O debate sobre o individualismo e comportamentos sexuais se intensifica quando Valérie discute com Michel a respeito do trato torturante nas práticas sexuais. Ela, já transbordada e consumida pelo mercado sexual, questiona e reprime ações sexuais de cunho masoquista.

— O que me dá medo — prosseguiu — é que não há mais nenhum contato físico. Todo mundo usa luvas, todo mundo usa instrumentos. As peles nunca se encostam, não há um beijo, um toque, uma carícia. Para mim, isto é exatamente o contrário de sexualidade. (HOUELLEBECQ, 2002: 204).

Em resposta a Valérie, Michel retruca:

— É mais simples do que pensamos — disse eu finalmente. — Existe a sexualidade das pessoas que se amam e a sexualidade das que não se amam. Quando não há mais possibilidade de identificação com o outro, a única modalidade que resta é o sofrimento — e a crueldade. (HOUELLEBECQ, 2002: 205).

A ironia realiza-se aqui no detalhe de que Valérie, jovem europeia, vê nisso uma violência exacerbada, mas não é capaz de vislumbrar as atrocidades fomentadas pelo mesmo turismo sexual por ela consumido. A noção de violência parece fragmentada, bem como a própria ideia de sexualidade. Ironia maior é um funcionário do Ministério da Cultura consumir e promover um mercado sexual violento e retificado, onde pouco importa as miserabilidades que ele produza no território de aqão.

Em *Submissão*(2015), Michel Houellebecq retrata a ascensão de Mohammed Ben Abbès, político muçulmano, à presidência da França após ter derrotado nas urnas o Partido Socialista, de François Hollande, e a Frente Nacional, de Marine Le Pen. A tensão da narrativa se concreta nesse fato. A personagem chave é o professor universitário François. No romance, ele aparece de igual modo a Michel, solitário sexual e afetivamente. Na busca por prostitutas, ele se relaciona sexualmente com Nadia, uma jovem de origem tunisiana. Assim Houellebecq a descreve:

De fato, (Nadia) escapara por completo desse movimento de reislamização que atacara maciçamente os jovens de sua geração. Filha de um radiologista, morava desde a infância nos bairros chiques, nunca pensara em usar véu. Estava no

segundo ano de um mestrado de letras modernas, poderia ser uma de minhas ex-alunas; mas, na verdade, não, pois fizera todos os seus estudos em Paris-Diderot. Sexualmente, exercia seu ofício com muito profissionalismo, mas encadeava as posições de maneira mecânica, eu a sentia ausente, e só se animou vagamente na hora da sodomia; tinha um cuzinho bem estreito, mas, não sei por que, não sentia nenhum prazer, embora me sentisse capaz de enrabá-la, sem cansaço e sem alegria, por horas a fio. Quando começou a soltar uns pequenos gemidos, senti que ela estava com medo de ter prazer – e talvez, depois, sentimentos; virou-se depressa para terminar a coisa em sua boca. (HOUELLEBECQ, 2015: 155)

Mais à frente, ele se relaciona com duas prostitutas, sendo uma Rachida, marroquina, e Luisa, espanhola.

Optei, enfim, por um anúncio publicado por duas moças: Rachida, uma marroquina de vinte e dois anos, e Luisa, uma espanhola de vinte e quatro anos, propunham *deixar-se enfeitiçar por uma dupla danadinha e endiabrada*. Era caro, evidentemente; mas as circunstâncias pareciam justificar uma despesa um pouco excepcional; marcamos o encontro para aquela mesma noite.

No início, as coisas aconteceram como de praxe, ou seja, razoavelmente bem: elas alugavam um lindo *studio* perto da place Monge, tinham queimado incenso e posto música suave do gênero canto das baleias, penetrei e enrabei as duas, uma depois da outra, sem esforço e sem prazer. Foi só meia hora depois, quando metia em Luisa com ela de quatro, que algo novo se produziu: Rachida me deu um beijo e depois, com um sorrisinho, passou para trás de mim; primeiro pôs a mão em minha bunda, depois aproximou o rosto e começou a lamber meus colhões. Aos poucos senti renascer em mim, com um deslumbramento crescente, os arrepios esquecidos do prazer. (...) Cheio de gratidão, eu me virei, arranquei a camisinha e me ofereci à boca de Rachida. Dois minutos depois gozei entre seus lábios; ela lambeu meticulosamente as últimas gotas enquanto eu acariciava seus cabelos. (HOUELLEBECQ, 2015: 164.)

Ao retratar as prostitutas magrebina (tunisiana e marroquina), o autor se serve de todo um vocabulário exotificador (enfeitiçar, sodomia, endiabrada) para, a princípio, por essas mulheres em outro plano, numa construção da imagem dominadora do homem – que arremata o sexo pela boca –, assim como para um desempenho sexual ativo e impulsivo dessas mulheres. Até aqui, nada diferente da personagem Michel em *Plataforma*. Todo esse arcabouço discursivo leva a personagem François a concluir que “as mulheres muçulmanas são dedicadas e submissas” (HOUELLEBECQ, 2015: 248).

Apresentadas, enfim, as figurações da prostituição nesses romances de Houellebecq e os instrumentos discursivos de controle sobre as sexualidades femininas, gostaria de concluir apontando para uma guinada defendida por Foucault (2005: 241):

Digo simplesmente: a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa. (FOUCAULT, 2005: 241).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dos conflitos morais relativamente à prostituição é um processo que está demonstrado em diferentes mecanismos, instituições e produtos sociais, que por sua vez cria(ra)m *verdades* – no sentido foucaultiano – sobre a prática. Incluem-se também as Literaturas como parte desse fato. Por esse motivo, as produções literárias estão passíveis de serem avaliadas no quesito de formação do pensamento das sociedades sobre aquilo que diz respeito à prostituição.

Em suma, o apontamento que faço é que se percebe que os discursos em torno desse processo retroalimentam a legitimação contra a autonomia das mulheres, suas liberdades e seu poder de decisão. Nas literaturas, as sexualidades femininas foram muitas vezes representadas em conformidade com o silenciamento e justaposição de valores onde o que vale é enaltecer e saciar as necessidades dos homens, favorecidos por seus graus de poder, sem se atentar à posição ocupada pelas mulheres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, J. *Lucíola*. São Paulo: L&PM, 1999.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.



- CUNHA, V. Uma romancista francesa e um diretor português: relação entre literatura e cinema. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. Belo Horizonte, v. 30, n. 43, 89-107. 2010.
- DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. Tradução de Heci Regina Candiani.
- DEFOE, D. *Moll Flanders*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015. Tradução de Donaldson Garschagen.
- FASSIN, É. ¿Houellebecq sociólogo? In: FASSIN, É; VANOLI, H; REVEL, J; MAVRAKIS, N; BOCCARA, G. *Discutir Houellebecq: cinco ensayos críticos entre Buenos Aires y Paris*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2015.
- FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. Tradução de Sérgio Duarte.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005. Organização e tradução de Roberto Machado.
- GAULTIER, J. *Le bovarysme: la psychologie dans l'oeuvre de Flaubert*. Paris: L'épold Cerf, 1892. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k729471/f2.image>>. Acesso em 24/11/2017.
- GENETTE, G. *Figuras*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979. Tradução de Ivonne Floripes Mantoanelli.
- HOUELLEBECQ, M. *Extension du domaine de la lutte*. Paris: Maurice Nadeau, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O mapa e o território*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012. Tradução de André Telles.
- \_\_\_\_\_. *Plataforma*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht.
- \_\_\_\_\_. *Submissão*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar.
- LA FAYETTE, M. de. *La Princesse de Clèves*. Paris: Claude Bardin, 1678. Disponível em: <http://lettres.ac-rouen.fr/francais/tendre/cleve1.html>. Acesso em 21/10/2016

MÁRQUEZ, G. G. *Memória de minhas putas tristes*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006. Tradução de Eric Nepomuceno.

RAQBI, A. La littérature maghrébine d'expression française: littérature de déracinement et de dénonciation. *Cerrados*. Brasília, v. 25, n. 43, 104-121, 2017.

SACRAMENTO, O. RIBEIRO, F. B. Trópicos sensuais: o Brasil como geografia desejada. *Bagoas*. Natal, n. 10, p. 215-232, 2013.

SAID, E. *Orientalismo*: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Tradução de Rosaura Eichenberg.

WATT, I. *A ascensão do romance*: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Tradução de Hildegard Fiest.